**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**
**CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL**
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:**
**HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

**JOÃO GABRIEL MORENO MARACAIPE**

# A RESPONSABILIDADE DO ARCONTE E A REPRESENTAÇÃO DO ANTROPOCENO NO ROMANCE PÓS-APOCALÍPTICO *ORYX E* CRAKE, DE MARGARET ATWOOD

Porto Nacional – TO
2025

**JOÃO GABRIEL MORENO MARACAIPE**

# A RESPONSABILIDADE DO ARCONTE E A REPRESENTAÇÃO DO ANTROPOCENO NO ROMANCE PÓS-APOCALÍPTICO *ORYX E* CRAKE, DE MARGARET ATWOOD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua Inglesa), pertencente à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de João Gabriel Moreno Maracaipe em Letras.

**Orientadora:** Profª. Dra. Rejane de Souza Ferreira

Porto Nacional – TO
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

M298r Maracaipe, João Gabriel Moreno.

A responsabilidade do arconte e a representação do antropoceno no romance pós-apocalíptico Oryx e Crake, de Margaret Atwood. / João Gabriel Moreno Maracaipe. – Porto Nacional, TO, 2025.

29 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Inglesa e Literaturas, 2025.

Orientadora : Rejane de Souza Ferreira

1. Memória. 2. Narrativa. 3. Segregação. 4. Discurso. I. Título

**CDD 420**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**JOÃO GABRIEL MORENO MARACAIPE**

# A RESPONSABILIDADE DO ARCONTE E A REPRESENTAÇÃO DO ANTROPOCENO NO ROMANCE PÓS-APOCALÍPTICO *ORYX E* CRAKE, DE MARGARET ATWOOD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua Inglesa), pertencente à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional, como requisito parcial à obtenção do título de João Gabriel Moreno Maracaipe em Letras.

**Orientadora:** Profª. Dra. Rejane de Souza Ferreira.

**Aprovado em: 06/03/2025**

## BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Rejane de Souza Ferreira (UFT)
(Orientadora)

---

Profª. Dra. Viviane Cristina Oliveira (UFT)
(Titular)

---

Profª. Dra Dinameire Oliveira Carneiro Rios (UFT)
(Titular)

## AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a todos que acreditaram em mim. Pai, Mãe, Ester, vocês são as melhores grandezas que eu poderia ter. Agradeço, também, a todos os meus amigos: Adir, Izabela, Letícia, Amanda, Giovana, João Vitor, Sabryne, Carlos Magno, Vitorya Eshylla (Vivy), Jordana, Deuza, Randerson, Maria e Thaís. A minha trajetória foi cercada de pessoas incríveis, por isso consegui chegar até onde me encontro.

Se viermos a sobreviver como espécie, a quem caberá narrar as profundas mudanças ecológicas ocorridas por conta de nossa interferência no planeta? Haverá arcontes no futuro? Haverá um domicílio para esses arquivos? Ou cai por terra nossa imaginada relação íntima entre humanidade e narrativa?" (TORRES, 2021).

**RESUMO**:

A partir da noção de arconte, conforme proposta por Sonia Torres (2021), pretendemos analisar *Oryx e Crake*, de Margaret Atwood, com foco no contexto, nas ações e nos legados do Homem das Neves, personagem que assume o papel de arconte ao preservar e reconstruir a memória coletiva da humanidade extinta. A metodologia parte de uma análise textual e comparativa, cruzando literatura, filosofia e estudos ambientais para entender como essa figura opera dentro da narrativa. Amparamos nossa leitura em Derrida (1995), Foucault (1970) e Barthes (1966), explorando o discurso e a construção da memória, além de autores como Negri (2008) e Caldeira (2000), para discutir a segregação social e o domínio das corporações no romance. Observamos como o protagonista manipula sua posição de guardião da história, criando um sistema religioso que mistura fatos e invenção, em uma tentativa tanto de preencher o vazio do colapso quanto de se legitimar. Concluímos que a figura do arconte em *Oryx e Crake* não apenas ressignifica a memória e o poder da narrativa, mas também reflete a fragilidade humana diante do Antropoceno, onde o que se conta sobre o passado pode ser tão determinante quanto o próprio futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; narrativa; segregação; manipulação; discurso.

**ABSTRACT**:

Drawing on the notion of the archon as proposed by Sonia Torres (2021), we aim to analyze *Oryx and Crake* by Margaret Atwood, focusing on the context, actions, and legacies of Snowman, the character who assumes the role of archon by preserving and reconstructing the collective memory of the extinct humanity. The methodology is based on textual and comparative analysis, intertwining literature, philosophy, and environmental studies to understand how this figure operates within the narrative. Our reading is supported by Derrida (1995), Foucault (1970), and Barthes (1966), exploring discourse and the construction of memory, as well as by authors such as Negri (2008) and Caldeira (2000), who discuss social segregation and corporate dominance in the novel. We observe how the protagonist manipulates his position as a guardian of history, creating a religious system that blends facts and invention, both to fill the void of collapse and to legitimize himself. We conclude that the figure of the archon in *Oryx and Crake* not only redefines memory and the power of narrative but also reflects human fragility in the face of the Anthropocene, where what is told about the past can be as decisive as the future itself.

**KEYWORDS:** Memory; Narrative; Segregation; Manipulation; Discourse.

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO ..... 10**

**2 O ARCONTE: CONCEITO DA PALAVRA E O CONTEXTO ANTROPOGÊNICO DE *ORYX E CRAKE* ..... 11**

**3 AS INFLUÊNCIAS QUE CONSTITUEM O ARCONTE ..... 16**

**4 O EXERCÍCIO DO PODER ARCÔNTICO ..... 22**

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 27**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 28**

## 1 INTRODUÇÃO

O termo Antropoceno, proposto por Crutzen e Stoermer (2000), surgiu no campo das geociências objetivando fundamentar a existência humana como força de modificação permanente no planeta. Ainda que não haja unanimidade na aceitação do conceito proposto, à Literatura, soma-se a importância da discussão pela capacidade de propor experiências que locam os seres vivos em realidades delineadas pelas preocupações ambientais e climáticas, presentes e futuras, quando os anseios contemporâneos são concretizados e a humanidade precisa lidar com suas misérias de recursos e moralidade. Diante disso, buscamos analisar o romance *Oryx e Crake* (2018), de Margaret Atwood, que especula sobre o fim da espécie humana em uma realidade distópica futurística. A quase extinção da humanidade, na narrativa, nos oportuniza analisar as angústias e responsabilidades que a personagem Homem das Neves (Jimmy) desenvolve ao assumir a função de arconte, bem como seu poderio de coerção religiosa, para com a pós-humanidade, além de refletir sobre a representação do Antropoceno ao longo da obra. Portanto, iremos primeiro apresentar a etimologia do vocábulo "arconte", dentro do conceito proposto por Sonia Torres (2021) e problematizar o enredo da obra à luz do Antropoceno, para finalmente verificaremos as influências que constituem o arconte, assim como seu o exercício.

## 2 O ARCONTE: CONCEITO DA PALAVRA E O CONTEXTO ANTROPOGÊNICO DE *ORYX E CRAKE*

Sonia Torres, por meio da pesquisa de Derrida, retoma dois termos referentes ao surgimento dos arquivos (*arkhê)*: "*arkhêion* – a residência dos magistrados, local onde os documentos oficiais eram guardados; e *archon*, o magistrado, aquele que detinha o poder arcôntico, de 'procedimento e precedência', na interpretação das leis." (Torres, 2021, p. 41). A autora salienta o caráter político que permeia o advento dos registros, já que era necessário um local físico de armazenamento somado à atuação do magistrado, responsável pelo poderio disposto na fruição das memórias. Baseando-se na função resgatada, Torres engloba a noção de arconte, preocupações transcorrentes aos conceitos do passado, possíveis de plasmar estudos com os arquivos no futuro:

> Podemos imaginar o arconte como tendo o papel de nos preparar para nos reconciliarmos com nossa finitude como espécie biológica; ou de guardar a vida humana, incutindo no humano do presente a consciência da importância da atuação e responsabilidade – uma ética para o futuro, por assim dizer (TORRES, 2021. p. 42).

Para discorrer sobre essa possível atuação futura, Torres baseia-se na obra *The Collapse of Western Civilization* (2014), de Oreskes e Conway, que é concebida como ensaio ficcional de um historiador na China, em 2393, e busca reconstruir a memória e o declínio da civilização ocidental. Esse historiador do futuro, portanto, teria como missão reconstruir conhecimentos obtidos pela humanidade e reproduzi-los às futuras gerações. Constatação semelhante pode ser percebida no romance *Oryx e Crake* (2018), de Margaret Atwood, em que a personagem Homem das Neves, na posição de um profeta, porta o conhecimento da humanidade e o transmite através de informações religiosas, autocriadas, à uma nova espécie humanóide (Crakers). O arconte, por ser o único conhecedor dos processos que levaram todos à situação pós-apocalíptica, pode moldar as informações a sua disposição, e escolhe deificar as personagens Oryx e Crake como criadoras do mundo, ao passo que se transforma em intérprete das respectivas divindades, manipulando, assim, os Crakers à sua serventia para a conquista de qualquer conhecimento de natureza existencial.

Lançado em 2003 com o título *Oryx and Crake*, e traduzido no Brasil, em 2018, como *Oryx e Crake,* o livro inicia a trilogia *MaddAddam (MaddAddão),* e é seguido das obras: *The Year of the Flood – O ano do dilúvio – (2009/2018)* e *MaddAddam – MaddAddão* (*2013/2019).* O primeiro volume, tem sua narrativa situada nos Estados Unidos da América, em um futuro não específico, após o planeta Terra ter sua população dizimada por uma pandemia. Essa história é apresentada de forma intercalada entre o mundo pós apocalíptico e o anterior que provocou o colapso. Cada parte é subdividida com pequenos capítulos que vão apresentando de forma cronológica como o personagem Homem das Neves tem lidado com a nova realidade e como ele, outrora, na condição de Jimmy foi designado a se tornar o único sobrevivente. Quando criança, Jimmy morava com seus pais em uma fazenda OrganInc, um local em que cientistas cultivavam porcos melhorados (porcões, como eram

chamados) capazes de armazenarem órgãos para transplante humano. No ínicio da sua adolescência, Jimmy conhece Glenn, um garoto prodígio na área científica, apelidado mais adiante como Crake, quando os pais de ambos já estão trabalhando em uma empresa mais poderosa, a HelthWyzer, que lhes permitem morar no complexo da NooSkins. Torres (2017) define a organização civil de *Oryx e Crake* como sendo uma concepção satírica de Margaret Atwood, onde a elite tecnocrata – estruturada por uma corporocracia – mercantiliza abundantes *designer drugs* e *happy pills.* Assim, dentre esses produtos, a pesquisadora salienta como o estado político-social permitiu a criação de uma gama de alimentos sintéticos, animais híbridos feitos em laboratório e, ainda, a possibilidade de encomenda de bebês particularizados aos interesses dos compradores. A gênese da extinção da humanidade se dá por essa organização corporocrata que permite e incita diversas medidas antropogênicas. O corpo social dividia-se entre uma elite formada por cientistas (incluindo as famílias de Jimmy e Crake), tão altamente especializados em seus trabalhos, quanto esvaziados de conhecimento humanístico, de modo que, isolando-se em seus condomínios fechados, se mantinham alheios aos transtornos vividos pelo restante da população, conhecida como Plebelândia.

A respeito da segregação socioespacial, Silvio Moisés Negri (2008) retoma alguns conceitos de diversos autores, sendo um deles o de "enclave fortificado", de Tereza Pires Caldeira, que define o processo de isolamento em espaços fechados, simultaneamente possuidores de lazer, trabalho, segurança e moradia, como a justificativa das elites de se livrar do medo constante do crime violento. A disposição urbanística e o surgimento de tais fortificações segundo Negri, pelas ideias de Paul Marcuse, é notada e aprovada pelo Estado que, quando omite intervenções, sejam elas de natureza legislativas ou judiciárias, opta pela valia aos interesses de diferenciação do grupo dominante. Desse modo, a insulação é pilar para o agravamento do controle e manutenção estatal nas zonas periféricas, já que há uma diminuição das populações marginalizadas ao acesso de bens providos pelas cidades, trazendo como sequela a dificuldade ou impossibilidade de ascensão social.

Podemos compreender a relação do processo de isolamento, em *Oryx e Crake*, feito pela classe dominante em conformidade às ideias de Negri, considerando que a sociedade pré-apocalíptica encontra-se em um estado de segregação extrema, na qual o controle político e militar é mantido por uma pequena classe privilegiada nas corporações influentes, que mora e trabalha dentro desses enclaves fortificados, como os que Jimmy e Crake se encontravam. Logo, o estado homogeiniza-se ao capital privado, levando a uma elite empresarial soberana cercada de luxo, altos muros, guardas – para a proteção de qualquer tentativa de terrorismo contra os produtos ali desenvolvidos – e que se estrutura na distância abissal entre a sua realidade e a das grandes massas. Segundo Mário Aquino Alves (2006), os discursos se responsabilizam pela construção linguística dos traços ideológicos que esculpem os filtros por meio dos quais enxerga-se a existência. De modo que, em *Oryx e Crake*, o discurso imperante na valia desse sistema, além de modelar a visão da Plebelândia como inferior à elite, pela violência e desníveis de infraestrutura existentes ali, além do seu próprio nome discriminatório, loca esses cientistas como promotores da juventude, longevidade e qualidade de vida, ocultando como esses

produtos desenvolvidos, verdadeiramente, beneficiam apenas aos acumuladores de poder monetário.

Uma amostra do caos coletivo causado pelo discurso do poder privado é quando Jimmy e Crake em uma pausa de seus débeis programas de televisão, decidem acompanhar os noticiários sobre as manifestações dos pequenos agricultores de café contra o grão Happicuppa, homônimo do capítulo. O produto foi modificado geneticamente para a colheita simultânea de toda a safra e, por isso, era capaz de maximizar os lucros nas grandes lavouras, opondo-se ao tradicional, em que cada arbusto de café era colhido em tempos diferentes. As medidas de protesto são vistas pelo grupo dominante como impensadas, já que a validação aos produtos desenvolvidos pelas grandes corporações era feita analisando-se unicamente a perspectiva mercadológica, logo, a sociedade não dispunha de simpatia pelos protestos dos pequenos produtores, veementemente opostos à essa revolução agrária. Tio Pete, o padrasto de Crake, também acompanhando o telejornal, exemplifica a apatia civil presente quanto às manifestações contrárias ao novo café, justificando o preço final do produto: "– O tumulto de sempre – ele dizia. – Eles vão se cansar disso, vão desistir. Todo mundo quer pagar menos por uma xícara de café, não tem como lutar contra isso" (Atwood, 2018, p. 172). Somado a isso, o desalinhamento no acesso da plebelândia à educação é um fator usado pela classe alta para ancorar seus preconceitos, já que constatavam a falta de domínios acadêmicos pelos agentes revolucionários e invalidavam as medidas de protestos. Jimmy salienta essa noção no trecho: "Deixem de Hipocrisia, dizia o bilhete deixado a uma distância segura. – Isso é patético – Jimmy disse. – Eles nem sabem escrever." (Atwood, 2018, p. 172). Quanto aos desníveis no acesso à direitos básicos, Negri (2008) postula que a disparidade nos alcances de infra-estrutura urbana, inclusive educacional, é responsável pela manutenção do *status quo* e renovação do exército de mão-de-obra dos indivíduos periféricos, bem como, de suas visões culturalmente sabotadas, responsáveis pela conformidade ao sistema. Assim, o boicote à educação pública, no romance feito pelas grandes empresas, tem por viés manter a improsperidade, letargia e viseira social da classe operária, que – desunida – não é capaz de refutar a grande desproporção socioeconômica presente.

Sobre os contrastes de renda, o romance descreve, ainda, como os habitantes dos países subdesenvolvidos somam às suas mazelas sociais o peso imposto pelas medidas antropogênicas do norte global. Em uma das tardes cotidianas da adolescência, tendo acesso a todo tipo de conteúdo disponível e proibido na rede, o que incluía suicídio ao vivo e pornografia de crianças, os personagens Jimmy e Crake, que encontravam prazer na espetacularização das desgraças alheias, se deparam com um vídeo de Oryx, e ambos fascinam-se por ela. Oryx encontrava-se na esfera antagônica à bolha social em que Jimmy e Crake viviam, já que era oriunda de uma comunidade rural, em um país subdesenvolvido, cuja situação precária se agravou ainda mais com a crise climática, a ponto de as pessoas terem adquirido o hábito de comercializar os próprios filhos para terem condições de se alimentarem. Embora a situação apresentada por Atwood, no romance, seja ficcional, ela descreve a realidade atual, a que a filósofa e historiadora belga, Isabelle Stengers (2015), denomina como "tempo das catástrofes". Esse momento retira a natureza somente do espaço de vítima, como assim a

humanidade a pôs, mas a retorna ao seu local de força, que abala, incomoda e transforma saberes e existências. Assim, o período de catástrofes, de acordo com Stengers, é a certeza de uma globalização que, primordialmente, compartilhará a certeza das ameaças futuras.

De volta ao contexto de Jimmy e Crake, a razão da inércia social, quanto às medidas neoliberais atrozes daquela sociedade, é aprofundada em seguida no capítulo "Retórica Aplicada", quando chega o momento de Jimmy entrar para a universidade. A forma como os alunos da HelthWyzer são selecionados para seus novos destinos deixa bem claro os interesses sociais e econômicos que estão envolvidos em cada escolha. Jimmy tem posição de privilégio, por crescer dentro dos complexos habitacionais, mas a sua aptidão natural ao estudos das palavras, e outras artes, em um corpo social que impunha as ciências exatas e da natureza como unicamente necessárias, é responsável pelo seu insucesso acadêmico, dentro das perspectivas das grandes corporações. O único ambiente acadêmico ao alcance dos habitantes da Plebelândia é a instituição Martha Graham, a faculdade que aceita Jimmy e sua condição de pouca genialidade lógica. As grandes corporações, como medida de falso sentimento de equiparação, conferem permissão à Plebelândia a um acesso universitário esvaziado e, por consequência, desprestigiado, considerando que, mesmo sendo reconhecida pelo foco em humanidades, a academia tem seus cursos voltados ao mercado consumidor regido pelas grandes empresas: “Nossos Alunos se Formam com Técnicas de Empregabilidade, dizia o lema por baixo do lema latino original, que era *Ars Longa Vita Brevis*” (Atwood, 2018, p. 178). Isso é exposto por Jimmy quando ele menciona que estudar os cursos oferecidos por espaços como Martha Graham era semelhante aos estudos de latim ou encadernação, agradáveis de alguma maneira, mas inúteis, para a manutenção daquela sociedade. Alves e Silva (2020), amparados pela definição de Ordine, salientam como as Humanidades passaram à condição de inutilidade e marginalização – social e orçamentária – por conta de sua desvinculação dos fins utilitaristas. Portanto, deriva-se, dessa condição, o questionamento à validade das Ciências Humanas. O debate é inflacionado, de acordo com os autores, pela estratégia discursiva baseada em um apelo moralizante, que anexa a área na esfera da chacota. Tal condição conduz à invalidação das Ciências Humanas, ao passo que faz um apelo social ao investimento em outros campos, julgados como prioridade. Em *Oryx e Crake*, tal noção de disparidade entre as humanidades e as ciências exatas e da natureza é exposta no capítulo “Leilão de alunos”, já que ao fim do Ensino Médio, Crake fora "leiloado" pelo Instituto Watson-Crick.

> Crake foi o primeiro da classe. A disputa por ele por parte do rival ComplexoEdu no Leilão de Alunos foi acirrada, e ele foi arrematado por um alto preço pelo Instituto Watson-Crick. Se você estudasse lá, o seu futuro estaria assegurado. Era como ir para Harvard antigamente, bem antes de Harvard ter se afundado (ATWOOD, 2018. p. 165).

A aquisição de Crake no Instituto foi um movimento, incentivado pelas grandes empresas, para a, constante, possibilidade de revolução mercadológica alçada pela fortificação de uma elite científica. Jimmy fica inferiorizado ao se deparar com o local em que Crake e outros cientistas viviam e estudavam, uma vez que a infraestrutura, tecnologias e pesquisas desenvolvidas ali excediam o que, até então, era sua realidade em Martha Graham. As pesquisas desenvolvidas por Crake e seus colegas

punham-nos em um espaço deífico capaz de remodelar os limites da natureza.

> A natureza está para os zoológicos assim como Deus está para as igrejas.
> – O que quer dizer? – disse Jimmy. [...] Por que ele tinha a sensação de que uma linha fora cruzada, uma barreira fora ultrapassada? Tudo não teria ido longe demais?
> – Essas paredes e barras de ferro estão aqui por uma razão – disse Crake. – Não para nos manter do lado de fora, mas para mantê-los do lado de dentro. A humanidade precisa de barreiras, em ambos os casos.
> – Para se defender de quê?
> – Da Natureza e de Deus.
> – Pensei que você não acreditasse em Deus – disse Jimmy.
> – Eu também não acredito na Natureza – disse Crake. – Não com N maiúsculo (ATWOOD, 2018. p. 195).

A Natureza para Crake seria antiquada e cabível de subjugamento, considerando como não há atribuição de nenhum respeito ao meio ambiente, como grandeza em si. A personagem, por meio dessa fala, revela-se em posição de igualdade às forças naturais, por isso é expressa a descrença da Natureza com "N maiúsculo". Esse ideal é compartilhado pela classe dominante, que, fundada no cerne do esvaziamento artístico e, consequentemente, crítico, está assoberbada pela competência na criação de múltiplas espécies, bem como, ignorante de qualquer pensamento humanístico que assegure a qualidade de vida dos humanos em detrimento do capital, vai, aos poucos, criando o cenário que premedita a própria extinção.

A particularidade de Crake, que o diferencia minimamente dos seus colegas em Watson-Crick, é seu paradoxo liame de insatisfação e fascínio pela natureza. A crença da imperfeição natural, por ele, é estruturada em um constituinte central nos processos de autodestruição planetária: a espécie humana e sua alta capacidade de aniquilar a si mesma e todo o ambiente. Desse modo, a natureza com “n” minúsculo é o espaço que os seres humanos interpuseram-se ante ao incontrolável, tentando domá-lo e ao mesmo tempo se destruindo. O cerne da contradição reside no maravilhamento de Crake, originado na capacidade de reinvenção da Terra: “Pense em uma adaptação, qualquer adaptação, e algum animal, em algum lugar, já terá pensado nela primeiro.” (Atwood, 2018, p. 157). Desse modo, no meio imperfeito e adaptável é possível uma intervenção, feita por ele, na criação de um ecossistema, dessa vez perfeito, em que o ser-humano como se conhece não mais exista, e, o criador, Crake teria concebido a paz entre as espécies. A materialização dos planos do personagem só se faz possível a partir de um humano que guie e perpetue ensinamentos. À essa incumbência, o cientista escolhe Jimmy pela sua capacidade de narração. A vivência artística do arconte, moldada pelos seus contextos de vida, será abordada a seguir.

## 3 AS INFLUÊNCIAS QUE CONSTITUEM O ARCONTE

A transfiguração da condição de mero humano a arconte profeta – Homem das Neves, no romance, é feita por Jimmy, intencionalmente, para propor uma ruptura entre suas vivências antes e depois do apocalipse. O narrador onisciente, que em diversos trechos da narrativa se mistura ao próprio personagem, se introduz na obra como sendo um menino de pouca importância na vida dos pais, transmutando essa relação a um processo de desancoragem com as pessoas ao longo de sua vida, a não ser pelas personagens Crake e Oryx. A conduta de Jimmy, ao assumir o papel de arconte, em mesclar fragmentos de sua história – deificando os indivíduos que impactaram profundamente sua narrativa – ao centro do futuro da memória é a oportunidade encontrada para a construção de um *ethos* que garanta uma glorificação e a conquista da respeitabilidade do seu público (os Crakers). Sobre a noção de *ethos,* Ruth Amossy, fundamenta-se em Barthes, para conceituar o termo como "os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo" (1970, p. 315). Assumir o papel de arconte tem por intenção adquirir uma espécie de renascimento, onde, na nova identidade, seja possível a obtenção da, tão contestada, importância. Desse modo, a manipulação do arconte Homem das Neves sobre a memória coletiva planetária é embebida da sua necessidade de reconstrução. Tal conceito de memória é definido, por Torres (2021), como sendo determinado pelo Antropoceno e, por consequência, pela atividade humana. A autora descreve como no presente momento, a cultura é intrínseca ao meio natural, de tal modo que não é possível uma noção do registro terrestre sem interferência humana. Dentro do romance, além das questões sociais e ambientais que antecedem o ocaso humano, a memória coletiva planetária é interferida por Jimmy como um afastamento encontrado para conseguir lidar com sua própria trajetória e a presente catástrofe. Tal egressão é paradoxal pela tentativa da personagem de se reconstruir em um misticismo transcendente à mera humanidade, mesmo que propositalmente rendendo-se à sua capacidade mais terrena, a de teatralização, inerente à sua trajetória. Anita Cristina Resende (2007) expõe como a noção divisória entre indivíduo e sociedade emerge pela ascensão burguesa, considerando que com "a influência da livre concorrência, surge a funcionalidade de se considerar o indivíduo autônomo, independente" (2007, p. 31). A autora, apoia-se em Horkheimer e Adorno, para expor como esse ideal é ilusório, considerando-se a inexistência da ideia pura de indivíduo, sociedade, bem como de antítese entre as partes. Tal princípio é exposto no romance, considerando que a construção individual de Jimmy o molda para o contexto e função social a que ele se destina. A condição de arconte é aceita pelo personagem, principalmente, porque a teatralização de si sempre lhe havia sido muito familiar, dado o seu contexto doméstico.

A primeira lembrança de Jimmy é situada no capítulo fogueira, por volta dos 5 anos de idade. A memória se trata do sacrifício de animais diversos (vacas, ovelhas e porcos), na empresa – OrganInc – em que seu pai era pesquisador. O abate se deu pela infestação de um vírus que seria prejudicial à saúde dos porcões, suínos geneticamente modificados para armazenagem de órgãos humanos para

transplante. Nesse contexto, por estar inserido em um lar confuso, a infância de Jimmy é revelada ao leitor como assolada por uma inflexível culpa, auto-atribuída pelas tragédias : “De algum modo, tudo aquilo – a fogueira, o cheiro de churrasco, mas principalmente os animais em chamas, sofrendo – era culpa dele, porque ele não tinha feito nada para salvá-los.” (Atwood, 2018, p. 27). O sentimento de responsabilidade deriva-se da complexa relação que a personagem tinha com os pais. As problemáticas causadas por pais disfuncionais são mencionadas por Donald Winnicott, em *A Família e Desenvolvimento Individual*, quando o autor postula que

> É certo que pais super protetores deixam seus filhos aflitos, assim como os pais pouco confiáveis tornam as crianças confusas e amedrontadas. [...] Os pais que conseguem manter o lar unido estão, na verdade, prestando a seus filhos um serviço de inestimável importância. Naturalmente, a implosão de um lar faz vítimas entre as crianças (Winnicott, 2023).

O Homem das Neves traça um elo, por conta do cheiro de cabelo queimado, entre o sacrifício e uma ocasião anterior, revelando assim sua memória mais antiga de fato, em que queimara o próprio cabelo para sanar sua curiosidade. A peripécia havia sido flagrada por sua mãe, desencadeando uma briga entre seus pais.

> Seu pai riu, mas sua mãe não. Pelo menos (o pai disse) Jimmy teve o bom senso de cortar o cabelo antes de pôr fogo nele. Sua mãe disse que era uma sorte ele não ter posto fogo na casa. Aí eles tiveram uma discussão por causa do isqueiro, que não estaria ali (o pai disse) se sua mãe não fumasse. Sua mãe disse que todas as crianças eram no fundo incendiárias, e que se não houvesse isqueiro ele teria usado fósforos.
> Quando a discussão começou, Jimmy sentiu-se aliviado, porque sabia que não seria castigado. Tudo o que ele precisava fazer era não dizer nada e logo eles teriam esquecido o motivo da discussão. Mas ele também sentiu-se culpado, porque tinha causado aquilo (Atwood, 2018. p. 26).

Após essa desavença, o filho é consolado pelo pai, que justifica as mulheres como sempre demasiadamente emotivas, e que logo sua mãe se acalmaria. Jimmy, a partir da visão passada por seu pai, tem a percepção de que as emoções femininas eram sempre observadas, enquanto aos homens parecia ser natural a manutenção de uma estabilidade, já que nunca haviam ponderações a respeito da expressão dos sentimentos masculinos, lidos, pela personagem, como raros.

> Mulheres e o que acontece no corpo delas. Calor e frio, indo e vindo no estranho país almiscarado, florido e instável que havia dentro de suas roupas– misterioso, magnífico, incontrolável. Esse era o modo como o seu pai via as coisas. Mas a temperatura dos corpos dos homens nunca era examinada; ela não era sequer mencionada, não quando ele era pequeno, exceto quando seu pai dizia “Fica frio”. E por que não? Por que não se dizia nada sobre os calores dos homens debaixo daqueles colarinhos duros de pontas afiadas, com seus pelos escuros, ásperos e sulfurosos? Ele bem que precisava de algumas teorias a respeito (Atwood, 2018. p. 26).

A ânsia pelas sensibilidades emotivas e suas expressões, que, de acordo o pai do personagem, estavam intimamente ligadas às mulheres, afetará a formação de Jimmy quanto ao seu ponto de vista da esfera feminina, já que o condicionará às suas dramatizações com as mulheres de sua trajetória. Melina Izar Marson expõe a construção social da imagética feminina como sendo antagônica e inferior à masculina. A autora baseia-se na relação maniqueísta a que as mulheres eram submetidas, sendo essa a

de que “a mulher é o fraco, o homem o forte; a mulher é o sensível e emocional, o homem é o frio e racional; a mulher é o privado e o homem é o público etc” (Marson, 2012. p. 74). Desse modo, já na fase adulta, a visão do personagem principal sobre a relação das mulheres com os sentimentos, que tanto o intrigava, assumiram um papel central na sua performance e objetivos de vida. Essa percepção de Jimmy sobre a arte e sua ligação às mulheres começa em sua relação materna, já que no período da infância, Jimmy sentia necessidade de conquistar a alegria de sua mãe, considerando os dúbios e raros momentos em que o sentimento emergia. Para isso, ele se valia de suas narrativas (vividas ou inventadas) e alguns recursos dramáticos para ajudá-lo.

> Mais do que tudo, Jimmy queria fazê-la rir – fazê-la feliz, como lembrava dela antes. Ele contava coisas engraçadas que tinham acontecido na escola, ou coisas que tentava tornar engraçadas, ou coisas que ele simplesmente inventava. (“Carrie Johnston fez cocô no chão.”) Ele pulava pela sala, envesgando os olhos e piando feito um macaco [...]. Ele colocava manteiga de amendoim no nariz e tentava lambê-la com a língua. Na maior parte das vezes essas atividades irritavam sua mãe: “Isso não tem graça, é nojento.” “Para com isso, Jimmy, você está me dando dor de cabeça.” Mas às vezes ele conseguia provocar um sorriso nela, ou mais. Ele nunca sabia o que iria funcionar (Atwood, 2018. p. 39).

De acordo com Juliano Casimiro Sampaio, a teatralidade é “a experimentação lúdica e intencional de si mesmo de modo diverso daqueles recorrentes no âmbito da vida cotidiana da pessoa” (Sampaio, 2017, p. 237). O modo como Jimmy atrelou o amor materno ao seu fazer artístico – exercitando constantemente uma experimentação lúdica de si – estrutura sua submissão ao validamento de sua mãe sobre suas criações. Sampaio, apoiando-se em Féral, postula que “A presença, que a teatralidade gera, [...] é uma dialética com a cotidianidade. Ela existe como sendo teatralidade na medida em que mostra diversa da cotidianidade. E mostrar-se é sempre para alguém, frente a alguém. É o outro, portanto, quem desvela a existência da teatralidade” (Sampaio, 2017, p. 242-243). Sharon foi a pessoa que, em primeiro lugar, testemunhou e participou das criações artísticas do filho, já que ela impunha, esporadicamente, a performance de um lar ideal. Ainda que a mãe de Jimmy não conseguisse estender seu papel por muito tempo, ela inspirava o filho à afeição pela teatralidade.

> Sua mãe estaria cuidadosamente vestida, seu sorriso de batom um eco do sorriso de geleia do sanduíche, e sua atenção estaria totalmente voltada para ele e suas histórias bobas, ela olharia diretamente para ele, com os olhos mais azuis do que nunca. Nessas horas ela o fazia lembrar uma pia de porcelana: limpa, brilhante, dura. Sabia que ela esperava que ele apreciasse todo o esforço que ela colocara naquele almoço, então ele também fazia um esforço. – Puxa vida, meu favorito (Atwood, 2018, p. 39)!

O encanto de Jimmy pela representação dos sentimentos fora fundamental ao ponto do personagem hierarquizar essa ação acima das suas relações pessoais. Assim, a mãe do menino era posta à condição de exaustão, para que Jimmy conseguisse alcançar seu clímax performático. Esse sentimento era conflituoso já que se dividia entre o triunfo pela atenção recebida e o temor de ser abandonado devido a suas ações, como de fato, em sua adolescência, sua mãe faz.

> Esse era o segredo, isso funcionava. Ela poderia começar a chorar e sair correndo da sala, batendo a porta, uff. Ou então ela poderia começar a chorar e abraçá-lo. Ou poderia atirar a xícara de café do outro lado da sala, gritando: “É tudo uma merda, uma merda só, é inútil!” Ela poderia até bater nele, e depois chorar e abraçá-lo. Poderia ser qualquer combinação dessas

> coisas.
> Ou poderia ser apenas o choro, com a cabeça abaixada sobre os braços. O corpo tremendo, a respiração entrecortada, soluçando. Ele não saberia então o que fazer. Ele a amava tanto quando a deixava infeliz, ou então quando ela o deixava infeliz; nesses momentos ele mal sabia distinguir uma coisa da outra. Ele dava tapinhas nela, bem afastado como se faz com cachorros desconhecidos, esticando a mão e dizendo: – Desculpe, desculpe. – E ele tinha pena, mas ao mesmo tempo sentia-se triunfante, orgulhoso por ter conseguido criar um efeito daqueles.
> Ficava assustado também. Havia sempre aquele fio da navalha: será que tinha ido longe demais? E se tivesse, o que viria depois (Atwood, 2018. p. 40)?

Tal sentimento paradoxal de maravilhamento/culpa, sentido pelas performances feitas com sua mãe, é comum ao protagonista e reverbera ao longo de sua trajetória. Jimmy passa boa parte de sua vida performando situações, com as mulheres com quem se relacionava, em busca de uma erupção de sentimentos e reações – uma peça de si com todos os atos – do mesmo modo que, sempre, conquistava ao exaurir sua mãe com suas perguntas, performances e truques de linguagem. Dentro desses namoros, o personagem repetia um padrão de comportamentos em que ele se punha como um projeto falido, que podia ser salvo, mas não conseguia fazê-lo por conta própria. O protagonista seduzia as mulheres, mostrando-se solícito e disposto a se aprofundar nas questões pessoais das parceiras, mas logo invertia os papéis e se punha na condição de vítima. Esse era o espaço em que ele monta sua persona de homem fraturado, melancólico e perdido em seus traumas ao ponto de não conseguir alicerçar uma possível vida a dois. Jimmy encontrava prazer nas diversas fases a que, por sua teatralidade, os relacionamentos eram postos – deleitando-se nos seus momentos de apogeu e declínio –, mas sempre sentia-se triste quando era abandonado por suas amantes.

> Quando finalmente a energia delas se esgotava e a choradeira começava, ele dizia que as amava. Tinha o cuidado de dizer isso num tom de voz desanimado: ser amada por ele era um veneno, era espiritualmente tóxico, poderia arrastá-las para as profundezas escuras onde ele mesmo estava aprisionado, e isso porque ele as amava tanto que queria salvá-las do perigo, isto é, afastá-las de sua vida condenada. Algumas percebiam o jogo dele – *Cresça, Jimmy*! –, mas de forma geral, isso era muito forte. [...] Detestava ser abandonado, embora ele próprio tivesse manobrado as coisas para que isso acontecesse (Atwood, 2018. p. 181 - destaque da autora).

Tal processo performático é feito por Jimmy, pois ele reconhece os bons momentos de sua vida como sendo uma encenação. A percepção desse método, como sendo proposital, inexiste na infância, mas na sua fase adulta, quando o artista adquire amplo repertório literário, a performance é feita conscientemente, considerando que, o personagem revela-se conhecedor da obra de Oscar Wilde.

> Quem foi mesmo que disse que toda arte era completamente inútil? Jimmy não se lembrava, mas merecia aplausos, não importa quem fosse. Quanto mais obsoleto fosse o livro, mais ardorosamente Jimmy o acrescentaria à sua coleção particular (Atwood, 2018. p. 185-186).

O célebre escritor irlandês, em sua obra *O retrato de Dorian Gray*, por meio da personagem Lord Wotton, descreve a sensação da experiência de vida/arte confluindo como sendo o descobrimento em ser tanto ator e espectador da peça. “De repente descobrimos que não somos mais os atores, mas sim os espectadores da peça. Ou melhor, somos ambos. Observamo-nos e o simples encanto do espetáculo nos enfeitiça (Wilde, 2012. p. 120).” Jimmy, aos moldes de Wilde, atribui sua existência à condição de artista, qualificando-a como sendo suprema e transcendental.

> "Nenhuma teoria sobre a vida lhe parecia ter importância em comparação à vida propriamente dita. Ele tinha uma consciência aguda de como é estéril a especulação intelectual quando separada da ação e do experimento. Sabia que os sentidos, não menos que a alma, têm seus mistérios espirituais a revelar (Wilde, 2012. p. 156)".

A partir do momento em que entende a arte como sendo o único caminho que o satisfaria, o protagonista enfrenta, ao seu próprio modo, o imposto discurso utilitarista, tão estimado pelo meio social antropogênico.

> Parte do que o impelia era teimosia; ressentimento até. O sistema o havia classificado como rejeito, e o que ele estava estudando era considerado – nas instâncias de decisão, nas instâncias de poder – velharia e perda de tempo. Pois bem, ele iria perseguir o supérfluo como um fim em si mesmo. Ele iria ser seu defensor e guardião (Atwood, 2018, p. 185).

Ainda sobre o atrelamento de culpa e apreço artístico de Jimmy, há uma intensificação desse processo durante o início de sua puberdade. O protagonista fazia pequenas encenações para os colegas, na tentativa de sublimar (ou vingar) sua dor em não ser um gênio das ciências como os pais esperavam. As narrativas tinham como personagens Mamãe Virtuosa e Papai Malvado, representados pelos polegares de Jimmy, que sublimavam, de forma satírica e grotesca, a vingança de Jimmy às dores causadas pelas suas relações familiares.

> Papai Malvado vociferava e teorizava e soltava um palavrório sem sentido, Mamãe Virtuosa reclamava e recriminava. Na cosmologia de Mamãe Virtuosa, Papai Malvado era a única causa de hemorroidas, cleptomania, conflito global, mau hálito, fendas na crosta terrestre e esgotos entupidos, bem como de todas as enxaquecas e cólicas menstruais que Mamãe Virtuosa tivera na vida (Atwood, 2018. p. 62-63).

A aclamação, e especialmente a respeitabilidade, recebida por Jimmy – por conta de sua arte – pelos colegas o levava a esquecer a sua culpa latente por não ser o filho esperado pelos pais, e, talvez, em sua concepção de responsabilidade pelas causas circundantes, o motivador de todas as dificuldades de seu lar. Assim, o seu momento de êxtase artístico trazia ao protagonista um pequeno momento de felicidade plena por sua criação, que só perdurava até ele se encontrar sozinho, onde sua fanfarrice retomava sua forma de penitência original, sendo ainda aumentada por ele achar ter perpassado uma linha pessoal nas atrocidades performáticas feitas à sua família.

> Essas cenas não tinham a menor dignidade, mas isso não era um impedimento para ele. Elas também se aproximavam demais de uma verdade perturbadora que Jimmy não estava disposto a examinar. Mas os outros garotos o incentivavam, e ele não conseguia resistir aos aplausos.
> – Será que eu exagerei, Killer? – ele costumava perguntar. – Será que foi desprezível demais (Atwood, 2018. p. 63)?

O atrelamento da sua validação pessoal a uma plateia influenciará na decisão de Jimmy assumir o papel arcôntico no pós apocalipse, considerando que os Crakers são o único público possível ao seu manifesto artístico. Toda a validação que Jimmy recebe da plateia é, anteriormente, almejada como a legitimação de seus pais a si. Sharon foi a primeira musa e plateia do artista, e mesmo que ela o tivesse abandonado, Jimmy fica profundamente impactado ao saber de sua morte, perdendo seu

sentido existencial.

> Em outra época ele teria transformado a morte da mãe em um psicodrama, teria angariado alguma simpatia com a tragédia, mas não era isso que queria agora. [...] Ele agora estava bebendo sozinho à noite, um mau sinal. Não devia estar fazendo isso, só servia para deprimi-lo, mas ele precisava anestesiar a dor. A dor de quê? A dor dos lugares em carne viva, as membranas danificadas pelos golpes causados pela Grande Indiferença do Universo. (Atwood, 2018. p. 246).

Nesse contexto de dor profunda, Crake ressurge na vida de Jimmy e salva-o de seu trabalho e rotina despropositada, já que o amigo também validava sua existência. Por ter tido e estimado muito a companhia de Crake durante quase toda a sua vida, após o apocalipse, Jimmy sublima o amigo como sendo o deus que moldou aquele universo (mesmo que depois se arrependa disso). Todavia, a percepção do espaço divino ocupado por Crake na vida de Jimmy sempre fora sentida, já que a relação existente moldava um Jimmy sem confiança e propósito e um Crake, ciente de suas incapacidades, que estava concedendo-lhe a chance de orbitar a sua grandeza. Assim, a auto-transfiguração de Jimmy na persona mítica de Homem das Neves só fora possível pela predestinação criada pelo amigo. As implicações trazidas à existência de Jimmy pela cosmovisão criada no contexto pós-apocalíptico do romance serão discutidas a seguir.

## 4 O EXERCÍCIO DO PODER ARCÔNTICO

Jimmy, ao criar sua persona mítica, escolhe a omissão do vocábulo “Abominável” sobre a lenda do Abominável Homem das Neves e expõe já bem no início do romance, suas crenças e seu estado emocional. O personagem revela-se como alguém disposto a transformar as narrativas do mundo anterior e adequá-las aos seus propósitos.

> O Abominável Homem das Neves – existindo e não existindo, vislumbrado no meio de uma nevasca, homem-macaco ou macaco-homem, furtivo, ardiloso, conhecido apenas de se ouvir falar e pelas suas pegadas de trás para a frente. [...] Por ora, ele abreviou o nome. Ele é simplesmente o Homem das Neves. Guardou para si mesmo o abominável, seu instrumento de tortura secreto (Atwood, 2018. p. 18).

A alegoria do nome satiriza a condição quase oposta (a da personagem mítica) sobre a qual o protagonista está inserido. Jimmy não era grande como tal criatura ficcional – inclusive, sentia-se definhar pela falta de refeições adequadas – e, ainda, não vivia em uma região de neves. Pelo contrário, precisava constantemente pilhar filtros solares para conseguir suportar a radiação cancerígena.

> Meio-dia é a pior hora, com sua claridade e abafamento. Por volta das onze horas, o Homem das Neves se recolhe no interior da floresta, longe do mar, porque os raios nocivos refletem-se na água e o atingem, mesmo que esteja protegido do céu, e então ele fica vermelho e cheio de bolhas. O que ele precisava mesmo era de um tubo de filtro solar bem forte, supondo que pudesse encontrar um (Atwood, 2018. p. 43).

A escolha deliberada na omissão do lado assombroso (abominável) no seu título auto criado manifesta a natureza da relação que o Homem das Neves terá com os Crakers. Na condição de seres criados em laboratório, o repertório de conhecimentos obtido não é semelhante ao dos seres humanos. Essa situação é ao mesmo tempo benéfica e maçante para o arconte. A conveniência, mesmo que não admitida por ele, se dá pela possibilidade de delinear os conhecimentos da memória coletiva e, assim, fazê-lo ao seu bel-prazer. Contraditoriamente, o que aborrece ao Homem das Neves é justamente a falta de um interlocutor que tenha o repertório do mundo extinguido. Um sobrevivente ao apocalipse, igual a ele.

> – Homem das Neves, por favor diga para nós o que é esse musgo crescendo no seu rosto? – As outras reforçam. Por favor diga, por favor diga! – Sem risos nem brincadeiras: a pergunta é séria.– Penas – ele diz. Elas fazem essa pergunta pelo menos uma vez por semana. Ele dá sempre a mesma resposta. [...] – Homem das Neves, ó Homem das Neves, nós também podemos ter penas, por favor? – Não – ele diz. – Por que não, por que não? – cantarolam as duas crianças menores. – Esperem um minuto, eu vou perguntar ao Crake. – Ele ergue o relógio na direção do céu e o faz girar no pulso, depois encosta-o no ouvido como se estivesse escutando. Elas acompanham cada movimento, enfeitiçadas. – Não – ele diz. – Crake está dizendo que não. Nada de penas para vocês. Agora deem o fora. [...]
> – Agora eu estou sozinho – ele diz em voz alta. – Inteiramente sozinho. Sozinho em um vasto, vasto mar. – Mais um fragmento do álbum de recortes que queima em sua cabeça. Revisão: praia. Ele sente necessidade de ouvir uma voz humana – uma voz demasiadamente humana, como a dele (Atwood, 2018. p. 19 e 21).

O nome escolhido também tem o propósito de rebelião às normas estabelecidas por Crake, já que ele

instituiu uma regra aos humanóides: os nomes deveriam ser escolhidos apenas com a existência de seu equivalente físico.

> Uma das regras de Crake era que nenhum nome poderia ser escolhido sem que houvesse um equivalente físico para ele – mesmo que fosse recheado ou esquelético. Nada de unicórnios, grifos, basiliscos ou monstros com corpo de leão e cabeça de homem. Mas essas regras não estão mais valendo, e o Homem das Neves sentiu um prazer amargo em adotar este rótulo dúbio (Atwood, 2018. p. 18).

A inequivalência física da nomenclatura "Homem das Neves" é o primeiro contato que os Crakers têm com o metafísico, e portanto, com a sua imaginação. A rebelião proposital do arconte às regras estabelecidas desembocam na mantuenção da existência artística, tão menosprezada por Crake. Tal experiência imaginativa é usada pelo arconte para conseguir explicar a sua realidade aos Crakers, na

qual o Homem das Neves ancora-se nos conhecimentos adquiridos por Jimmy ao longo de sua vida. Além de usar de seu vasto conhecimento literário e sua intimidade com a auto-performance, o arconte baseia parte de sua religião no conhecimento de uma antiga namorada chamada Morgana. Ainda que parte da inspiração venha do período do namoro, Jimmy não valorizava a relação, já que namorava Morgana unicamente pelo fascínio experimental, já discutido anteriormente, sobre as mulheres.

> Pobre Morgana, pensa o Homem das Neves. O que será que aconteceu com ela? Ela nunca vai saber o quanto foi útil para mim, ela e sua conversa oca. Ele se sente um tanto canalha por ter passado a conversa fiada de Morgana para os crakers como cosmogonia. Mas parece que eles estão bem satisfeitos com isso (Atwood, 2018. p. 161).

A religião criada pelo Homem das Neves tinha função dupla de alimentação, já que o serviam física e artisticamente. Assim, o arconte instruiu os Crakers na pesca de um peixe por semana para alimentá-lo, ao passo que, em troca, contaria a história do surgimento da espécie. A pesca do peixe, que já institui a noção de sacrifício e ritual, é um exercício que rompe as necessidades unicamente biológicas dos Crakers, estabelecendo um revolucionário vínculo de troca entre o material e imaterial.

> Toda semana, de acordo com as fases da lua – nova, quarto crescente, cheia, quarto minguante –, as mulheres entram nas piscinas formadas pela maré e chamam o infeliz peixe pelo nome – apenas peixe, nada mais específico. Em seguida elas o apontam, e os homens o matam com pedras e paus. Assim, essa tarefa desagradável é dividida entre todos e ninguém carrega sozinho a culpa por derramar o sangue do peixe. Se tudo tivesse acontecido do jeito que Crake queria, não haveria mais esse tipo de matança – não haveria mais predação humana –, mas ele não contava com o Homem das Neves e seus apetites animais. O Homem das Neves não pode viver de mato. As pessoas jamais comeriam um peixe, mas têm que levar um peixe para ele toda semana porque ele disse a elas que Crake havia ordenado isso. Elas aceitaram a monstruosidade do Homem das Neves, elas sabiam desde o início que ele pertencia a uma espécie diferente, então não se surpreenderam com isso (Atwood, 2018. p. 98-99).

Dentro desse ritual, havia um momento em que o Homem das Neves criava um fluxo narrativo, que desembocava em um clímax. A situação estava ligada à noção de caos, introduzida pelo arconte. Tal força é definida por Jimmy como sendo algo que não se pode comer, nadar, ficar em pé, consistida apenas pelo vazio. O personagem menciona como, em um momento inicial, os humaóides tiveram

dificuldades com a noção de físico e meta-físico, mas que logo entenderam a ideia. A teatralidade proposta por Jimmy como cosmovisão é reforçada pelo grande apreço que os Crakers tiveram a essa narrativa. Tal apego pode ser analisado pela perspectiva das ideias proferidas por Roland Barthes, considerando o seu enfoque no quão primordial é o poder narrativo à existência humana, que já se manisfestava nas mais plurais temporalidades, locais e grupos. De acordo com o autor, "Todos os grupos humanos têm suas narrativas e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes [...]; a narrativa está aí, como a vida." (Barthes, 2011, p. 19). A associação da narrativa com a existência, já muito exercida durante a vida de Jimmy, agora estende-se ao seu legado deixado à pós-humanidade. O Torpor sentido pelos Crakers durante a narrativa faz com que haja um coro, que prelude, como atestado pelo próprio Homem das Neves, uma espécie de liturgia.

> – No caos, estava tudo misturado – ele diz.
> – Havia gente demais, então as pessoas estavam todas misturadas com a sujeira. [...]
> – As pessoas no caos estavam elas mesmas cheias de caos, e o caos as levava a fazer coisas ruins. Elas estavam matando outras pessoas. E estavam devorando todos os Filhos de Oryx, contra a vontade de Oryx e Crake. Todos os dias elas os devoravam. Elas os estavam matando sem parar, devorando-os sem parar. Elas os comiam mesmo quando estavam sem fome. Respiração ofegante, olhos arregalados: esse é sempre um momento dramático. Quanta maldade! Ele continua:
> – E Oryx tinha um único desejo ela queria que o povo fosse feliz, vivesse em paz, e parasse de comer os seus filhos. Mas o povo não podia ser feliz, por causa do caos. E então Oryx disse a Crake, Vamos nos livrar do caos. Então Crake pegou o caos e jogou-o fora. O Homem das Neves demonstra, jogando fora a água e virando o balde de cabeça para baixo. – Pronto. Vazio. E foi assim que Crake fez a Grande Mudança e criou o Grande Vazio. Ele limpou a sujeira, ele abriu espaço…
> – Para os seus filhos! Para os Filhos de Crake!
> – Certo. E para…
> – E para os Filhos de Oryx também!
> – Certo – diz o Homem das Neves. Será que ele não tem vergonha de inventar tanta coisa? Ele sente vontade de chorar.
> – Crake criou o Grande Vazio... – dizem os homens.
> – Por nós! Por nós! – dizem as mulheres. Já se transformara em uma liturgia.
> – Ó bondoso e amável Crake (ATWOOD, 2018. P. 100-101)!

A função executada por Jimmy associa-se muito à posição de Rememorador, descrita por Lee Maracle (2021), como o indivíduo responsável pelo testemunho da situação, forma, cronologia e público dos eventos. Maracle aponta como esse processo é "ao mesmo tempo histórico, sociológico, político, legal e filosófico. Tanto a documentação histórica quanto a memória requerem que os humanos tomem decisões sobre o que se comprometer a relembrar ou o que se comprometer a colocar na página para a posteridade" (Maracle, 2021, p. 187). Dentro do romance a religião, antes concebida como um ato de rebeldia de criatura à criação, indicia complexidade e pragmatismo. Assim, é na glorificação a Crake que Jimmy percebe a fragilidade da sua posição de profeta, já que o arconte percebe ser possível manter a platéia, desde que suas encenações estejam de acordo com o que fora previamente ensinado. Maracle também define a origem da importância, considerando que "implica um nível de mérito. O mérito é, por um lado, determinado religiosamente e, por outro, socialmente ou culturalmente" (Maracle, 2021, p. 185). Assim, os Crakers ficam maravilhados com os dogmas criados por Jimmy e esses, por mais que o arconte queira fazer pequenas alterações com relação à deificação de Crake, são

estabelecidos como dificilmente mutáveis.

> Aquela adulação em relação a Crake irrita o Homem das Neves, embora tenha sido provocada por ele. O Crake que eles estão louvando é uma fabricação dele, uma fabricação que tem muito de vingança: Crake era contrário à noção de Deus, ou de deuses de qualquer tipo, e sem dúvida ficaria aborrecido com o espetáculo da sua própria deificação. Se estivesse ali. Mas não está, e é irritante para o Homem das Neves escutar toda aquela bajulação deslocada. Por que eles não glorificam o Homem das Neves? O bom e amável Homem das Neves, que merece ser glorificado – merece muito mais – pois quem foi que os salvou, que os levou para lá, que tem tomado conta deles esse tempo todo? [...] Por que o Homem das Neves não pode revisar a mitologia? Agradeçam a mim, não a ele! Acariciem o meu ego e não o dele! Mas por enquanto ele tem que engolir a amargura.
> [...] ele perderia sua plateia. Elas virariam as costas para ele, se afastariam. Ele agora é o profeta de Crake, goste ou não disso; e o profeta de Oryx também. (Atwood, 2018. p. 101-102).

O conhecimento existencial a que o Homem das Neves se vê enclausurado é constituído, por ele, como uma narrativa de cosmovisão. A sedução da/pela narrativa como íntima à história de Jimmy, revela como compreensível que, em um momento de abalo, a personagem ancore-se na deificação de seus personagens principais para justificar a sua realidade. Considerando que o Homem das Neves encontra-se na posição de condutor do discurso, que é definido, por Foucault, como sendo mais do que "aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar" (Foucault, 2019, p. 7). Assim, o espaço legado por Jimmy aos personagens Oryx e Crake, como já discutido previamente, é o papel de responsabilidade pela fundação do (seu) mundo e dos seres que o habitam. A religiosidade inventada expurga o estado permanente de letargia ante a perda de sua, estimada, realidade anterior. Dentro dessa cosmovisão, a linguagem é um elemento preponderante na constituição do ser humano como díspar, hierarquizado, das outras espécies

> Os Filhos de Oryx, os Filhos de Crake. [...] *Crake fez os ossos dos Filhos de Crake com os corais da praia, e sua carne com uma manga. Mas os Filhos de Oryx nasceram de um ovo, um ovo gigante posto pela própria Oryx. Na verdade ela pôs dois ovos: um cheio de animais e pássaros e peixes, e o outro cheio de palavras. Mas o ovo cheio de palavras foi chocado primeiro, e nessa altura os Filhos de Crake já tinham sido criados, e eles comeram todas as palavras porque estavam com fome, então não sobrou nenhuma palavra quando o segundo ovo foi chocado. E é por isso que os animais não falam* (Atwood, 2O18. p. 94 - grifo da autora).

Na cosmovisão criada pelo homem das Neves, os humanoides segregaram para si a capacidade de linguagem, pois "comeram todas as palavras" e assim, tal como criador, e em acordo com o discurso dominante pré-apocalíptico, hierarquizaram-se ante as outras espécies. Ainda nesse campo religioso, a noção de Oryx como deusa-mãe, aquela que cuida e nutre seus filhos, passa pela própria relação que Jimmy estabelece sobre os personagens. Oryx é a deusa imaculada, perfeita e gentil, enquanto Crake é o aproveitador sagaz que roubou dele o amor e a vida que tinha antes. Paradoxalmente, no que tange a criação religiosa, ainda que rancoroso, Jimmy ancora-se no seu espaço de afeto mais conhecido: Crake. A revolta pessoal do Homem das Neves, assim, ocorre nunca podendo ser exposta aos humanóides, pela sacralidade atribuída por si ao deus criado(r). A partir dessa

perspectiva, é possível traçar um paralelo sobre como as personagens referidas por Jimmy como Oryx e Crake não são mais somente os afetos que ele tivera anteriormente, mas são figuras não-físicas que ditam suas ações e personalidades. A narrativa desses personagens atinge tal potência que se transmuta, de fato, em seres metafísicos e determina a existência do Homem das Neves.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo, fictício e real, vivido pelo arconte se encontra nesse estado caótico pelo esgotamento dos recursos naturais. Assim o exercício da função de arconte por Jimmy é caro às discussões climáticas, uma vez que se estrutura no cerne do auto-extermínio da raça humana. Nas discussões do Antropoceno, as mais diversas formas de Arte, precursoras à academia na temática, têm proposto experiências que inserem os seres em realidades delineadas pelas preocupações ambientais e climáticas, presentes e futuras. A literatura soma-se a essas discussões principalmente no gênero distopia, onde os anseios contemporâneos são concretizados e a humanidade precisa lidar com suas misérias de recursos e moralidade.

O apocalipse origina-se por meio de uma sociedade presunçosa, que pela capacidade de linguagem, apaticamente, renega sua inserção no ecossistema. A arrogância científica mostra-se exacerbada em *Oryx e Crake*, com o intuito de expor e vislumbrar a potenciação do imbricamento entre capitalismo, avanço científico e deslegitimação das ciências humanas. Nesse cenário, o personagem com grande domínio das artes, e principalmente da linguagem, é aquele selecionado para modelar o legado da memória à pós-humanidade. Ainda assim, mesmo na condição de arconte, esse personagem não se preocupa com a ética futura, considerando que o Homem das Neves age de forma inescrupulosa, criando uma memória coletiva que tem como função principal privilegiá-lo. Esse movimento tem por intenção legitimar suas vivências e capacidades existentes no pré-apocalipse, de quando ele era o Jimmy, renegado em sua existência, conforme apresentado. Por mais que a problemática seja coletiva e latente, ainda assim é vista humanamente pela perspectiva individual. Jimmy expõe a visão corrente sobre a iminência da catástrofe, vivenciando-a, ainda que se ponha em um estado de letargia até que tudo eclode, assim como os seres humanos têm (sobre)vidido às catástrofes ambientais sem se preocupar verdadeiramente em evitá-las. De modo que a memória planetária do futuro, mencionada por Sonia Torres (2021), no caso de *Oryx e Crake*, está condicionada ao legado e manutenção do ego do protagonista.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Mario Aquino. Análise Crítica do Discurso: Exploração da temática. São Paulo: **FGV EAESP Pesquisas e Publicações**, 2006. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/publicacoes/gvp/analise-critica-do-discurso-exploracao-da-tematica. Acesso em 13 de outubro de 2024.

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). Imagens de si no discurso: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

BARTHES, R. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DE SOUSA ALVES, A. S.; VIEIRA DA SILVA, F. Discursos sobre as ciências humanas no bolsonarismo: da repetição à prática. **Revista Eletrônica de Educação**, *[S. l.]*, v. 14, p. e4524141, 2020. DOI: 10.14244/198271994524. Disponível em: https://reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc /article/view/4524. Acesso em: 26 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2019. p. 9

MARACLE, Lee. Sustentabilidade e Antropoceno: O salmão é o cerne da memória Salish. Tradução de Rubelise da Cunha. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina P. (org.). **Literatura e arte no antropoceno**: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 184-198.

MARSON, M. I. Da feminista "macha" aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des)construções das identidades sexuais. **Cadernos AEL**, *[S. l.]*, v. 2, n. 3/4, 2012. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2614>. Acesso em: 05 de outubro de 2024.

NEGRI, Silvio Moisés. Segregação Sócio-Espacial: Alguns Conceitos e Análises. **Coletâneas do Nosso Tempo**, Rondonópolis - MT, v. VII, n. 08, p. 129-153, 2008. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/view/108. Acesso em: 06 de março de 2024.

RESENDE, A. C. de A. Da Relação Indivíduo e Sociedade. **Revista Educativa - Revista de Educação**, Goiânia, Brasil, v. 10, n. 1, p. 29–45, 2007. DOI: 10.18224/educ.v10i1.173. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/173. Acesso em: 28 out. 2024.

SAMPAIO, J. C. de C. <b>A teatralidade de si-mesmo no ensino do teatro</b><br />[Juliano Casimiro de Camargo Sampaio]. **Repertório**, *[S. l.]*, n. 29, p. 233–257, 2018. DOI: 10.9771/r.v0i29.25483.Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/25483. Acesso em: 21 de setembro de 2024.

SANTOS, Eloína Prati. Ancestralidade e Antropoceno: Literatura Indígena Brasileira. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina P. (org.). **Literatura e arte no antropoceno**: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 171-183

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**: Resistir à Barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TORRES, Sonia. Memória e Antropoceno Flashback do Período Penumbral. In: TORRES, Sonia; PENTEADO, Marina P. (org.). **Literatura e arte no antropoceno**: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2021. p. 36-51

TORRES, Sonia. O Antropoceno e a Antropo-cena pós-humana: narrativas de catástrofe e contaminação. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 70, n. 2, p. 093-105, mai./ago. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-8026.2017v70n2p93. Acesso em: 12 out. 2024.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** Trad. Paulo Schiller. São Paulo: Schwarcz s.a., 2012.

WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.